

Adélia Luiza Portela \*

# JEAN PIAGET, UM CLÁSSICO CONTEMPORÂNEO?

*(J Professora da  
FACEDIUFBa*

**N**o centro das preocupações contemporâneas encontram-se, cada vez mais, duas temáticas básicas: a do sujeito e a da ética. Vivendo, neste final de século, desafios permanentes de sobrevivência em um mundo onde as desigualdades sociais e econômicas são ainda muito fortes, em contraste com os avanços tecnológicos e científicos obtidos, o homem contemporâneo se coloca perplexo diante de si mesmo e do mundo. A competição e o individualismo exacerbados que marcam as formas de ser e de agir do homem na modernidade começam a ser questionados levando à produção de novos paradigmas conceituais. Este é, assim, um momento extremamente significativo na história do conhecimento, porque ao mesmo tempo em que se pretende ir para além dos paradigmas vigentes, ainda não se dispõe de produções suficientemente consistentes dentro dos novos paradigmas. É dentro deste quadro que alguns pensadores clássicos, que fornecem bases teóricas para um novo modo de pensar as relações do homem consigo mesmo e com o outro, vêm sendo tomados. Entre esses pensadores, pode se situar Jean Piaget ( 1896-1980).

O impacto que a teoria de Piaget vem tendo sobre vários domínios do conhecimento é grande e isso porque ele se propôs, com as suas pesquisas, a responder perguntas amplas e profundas: sob que condições o conhecimento é possível? o que torna o conhecimento possível? como se dá a construção do conhecimento em compreensão e em extensão? Sua intenção fundamental foi a de desenvolver um modelo da maneira como o homem, enquanto espécie, apreende, constrói e representa o mundo, criando, dessa forma, o construto do sujeito epistêmico universal. Ao assim fazer, ele desenvolveu um modelo que, mesmo podendo sofrer uma série de críticas, se tornou referência para a produção de conhecimentos em diferentes áreas.

É graças a Piaget que vai se constituir formalmente a Epistemologia Genética, trazendo uma nova dimensão à Epistemologia atente existente, que tratava dos conhecimentos já em estado acabado e preocupava-se com a determinação da validade dos conhecimentos. Sua Epistemologia Genética se funda na idéia da não-existência de conhecimentos absolutos pelo estudo da gênese - *tudo é gênese, inclusive a elaboração de uma teoria nova no estado atual das ciências*<sup>2</sup> - como também na idéia de construção coletiva do conhecimento, introduzindo a noção de "círculo das ciências", ou seja, de que as ciências

não podem ser vistas como uma série linear e / ou fragmentada, mas como solidárias uma com as outras em um círculo indissociável. Para criar as condições de elaboração dessa Epistemologia Genética, ele funda, em 1955, o Centro Internacional de Epistemologia Genética no qual especialistas de diferentes áreas do conhecimento discutiam e produziam conjuntamente, *pois a cooperação interdisciplinar é indispensável para situar a análise genética em seu contexto científico e epistemológico*<sup>3</sup>.

O exercício da interdisciplinaridade, em uma época em que ainda havia o predomínio da fragmentação nas ciências vai, portanto, permear a produção piagetiana. E é graças a essa ênfase interdisciplinar que sua epistemologia pode dar conta de estudar os mecanismos através dos quais o conhecimento evolui, seja a evolução dos conhecimentos na ciência, seja a evolução dos conhecimentos na ontogênese, recorrendo tanto

à análise histórica quanto à análise psicogenética, para estudar o desenvolvimento das diferentes noções ou categorias do pensamento, como número, espaço, tempo, causalidade etc. , nas crianças e nas ciências constituídas.

A questão da interdisciplinaridade vem-se fazendo hoje cada vez mais presente nas discussões sobre a produção do conhecimento, pela própria necessidade imposta à

ciência de superar a sua prática de fragmentação do saber. A não-fragmentação e a produção cooperativa do conhecimento, tão ardorosamente defendidas por Piaget, são princípios básicos do novo paradigma científico que começou a se instituir neste final de século. Ainda que as discussões atuais sobre essa questão apareçam no contexto de outras perspectivas - transdisciplinaridade, multidisciplinaridade - e venham tomando dimensões que vão além das previstas por Piaget, não se pode negar o valor histórico e epistemológico de suas investidas pelos caminhos da interdisciplinaridade e a senda por ele aberta para a constituição das novas discussões que se abrem hoje em torno dessa temática.

Defendendo que a construção humana da inteligência e do pensamento lógico se faz pela troca com os seus pares, Piaget coloca as relações de cooperação e de reciprocidade no âmago dos processos de desenvolvimento e de aprendizagem. Sua concepção de sujeito é a de um ser ativo que se constitui através de interações com os objetos e com os outros, um sujeito que, para construir/reconstruir os conceitos, as leis que regem a natureza e as relações sociais, necessita basicamente de estabelecer trocas inter e intra-pessoais. O pensamento socializado, aquele que é capaz de comunicar-se, que permite ao homem assumir o ponto de vista do outro e colocar o seu próprio ponto de vista, é, assim, uma conquista resultante do

estabelecimento de relações de reciprocidade e de cooperação.

Em uma de suas obras, *O julgamento moral na criança*<sup>4</sup> (entre outras), Piaget deixa muito claro a sua crença de que é na troca com os seus pares que o sujeito se constrói a si mesmo e ao mundo. Analisando o jogo de bolinhas de gude entre crianças, bem como realizando interrogatórios com elas sobre brincadeiras e histórias de cunho moral, Piaget vai construir sua teoria sobre a moralidade humana, estabelecendo um paralelo entre a constituição da consciência lógica e da consciência moral. Segundo ele, o sujeito vai tomando consciência de si pela distinção entre si mesmo e os outros (relação sujeito-objeto) e vai construindo um *eu autônomo* através de sucessivos movimentos de centração/descentração provocadas, principalmente, pelo confronto com o outro.

Essas concepções piagetianas se fazem presentes no pensamento de filósofos contemporâneos, destacando-se, entre eles, Jürgen Habermas, que toma a teoria de Piaget como um dos "modelos" para a construção da Teoria da Ação Comunicativa e da Teoria da Ética Discursiva.<sup>5</sup>

Habermas, um dos representantes da teoria crítica e um dos continuadores da Escola de Frankfurt, vai também defender uma visão de sujeito ativo na elaboração do seu conceito de racionalidade comunicativa, trazendo para as discussões filosóficas contemporâneas as pesquisas feitas por Pia

get sobre a constituição do sujeito racional.

Os exemplos aqui citados são apenas alguns, dentre os muitos, que podem mostrar as repercussões que o trabalho de Piaget produziu e continua produzindo, tanto no sentido de sua incorporação a novos estudos, quanto no sentido da provocação de debates críticos significativos.

A pouca ênfase dada por Piaget ao papel dos fatores sócio-histórico-culturais no processo de construção das estruturas cognitivas é um debate importante para o desenvolvimento de novas perspectivas sobre o sujeito. Essas críticas provêm principalmente dos psicólogos sócio-interacionistas e centram-se em torno do peso dado por Piaget às *razões biológicas do conhecimento* e que lhe dão o suporte para produzir um modelo universal de sujeito epistêmico.

Outros críticos apontam para o fato de que, ao ter adotado o paradigma da moderna lógica formal para caracterizar o coroamento do desenvolvimento cognitivo, ele deixou de lado formas de ma

nifestações inteligentes que admitem configurações além das racionais. Essas críticas consideram que o seu modelo pode descrever o pensamento racional do homem da modernidade, mas falha por não introduzir uma análise histórica numa epistemologia genética que tenta descrever a evolução do pensamento do homem enquanto espécie.

Essas e outras críticas que colocam o pensamento de Piaget no centro do debate epistemológico atual - global! local, particular/universal, diversidade/universalidade - constituíram-se em dilemas piagetianos, constituem-se em dilemas da contemporaneidade.

Assim é que, parafraseando Italo Calvino, pode-se dizer que Piaget é um clássico, não por ser sua obra antiga, mas por ter-se estabelecido *com um lugar próprio numa continuidade cultural*. Por isso, ler Piaget hoje, é ler um clássico contemporâneo e um clássico é uma *obra/livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.*?

## BIBLIOGRAFIA

- PIAGET, Jean. *A epistemologia genética*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 4.  
*Lógica y conocimiento científico. Naturaleza y métodos de la epistemología*. Buenos Aires: Editorial Prates, 1970. p. 118.  
*O julgamento moral na criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

- PIAGET, Jean *Biologia e conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1973. Segundo ele, a obra realiza uma parte dos seus sonhos de juventude de produzir uma epistemologia biológica.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 11 e 14.